

Auto-retrato do banditismo

Por António Makwala (AIM)
Especial para Revista «TEMPO»

No dia 6 de Fevereiro de 1984 um grupo de bandidos armados atacou um comboio de passageiros junto à estação ferroviária de Xinhanguanine, província da Moamba. Entre os passageiros havia mulheres, crianças, velhos e muitos trabalhadores moçambicanos regressados da África do Sul. Muitas destas pessoas morreram carbonizadas ou ficaram gravemente feridas. Esta foi uma das primeiras acções terroristas de envergadura dos bandidos armados na Província do Maputo. Seguir-se-iam acções semelhantes contra machimbombos de passageiros e outras viaturas civis, assaltos e destruição

de lojas, assassinato de camponeses, mutilações e todo um rol de actos que outras províncias do país já tinham atravessado.

Na semana passada, a AIM conseguiu obter uma série de documentos de um chefe dos bandidos armados nesta província. Trata-se de Paulo Jemusse Gandanga Sitole que foi «comandante de sector» e depois «comandante de região». Os documentos são constituídos, na sua totalidade, por registos de mensagens, algumas das quais reproduzimos a documentar o texto, que ele enviou entre 5/9/83 e 25/5/84 a outros chefes dos bandidos. Estes documentos são como que um auto-retrato do banditismo armado.

Em fins de 1983 já havia alguns grupos de bandidos na parte noroeste da Província do Maputo, possivelmente fugidos das províncias de Inhambane e Gaza onde a acção das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) e restantes FDS havia sido decisiva em 1983 para a relativa tranquilidade que se passaria a registar nessas zonas ao sul do rio Save.

Mas foi a partir de princípios de 1984 que a Província do Maputo passou a ser envolvida, em grande escala, como alvo do terrorismo.

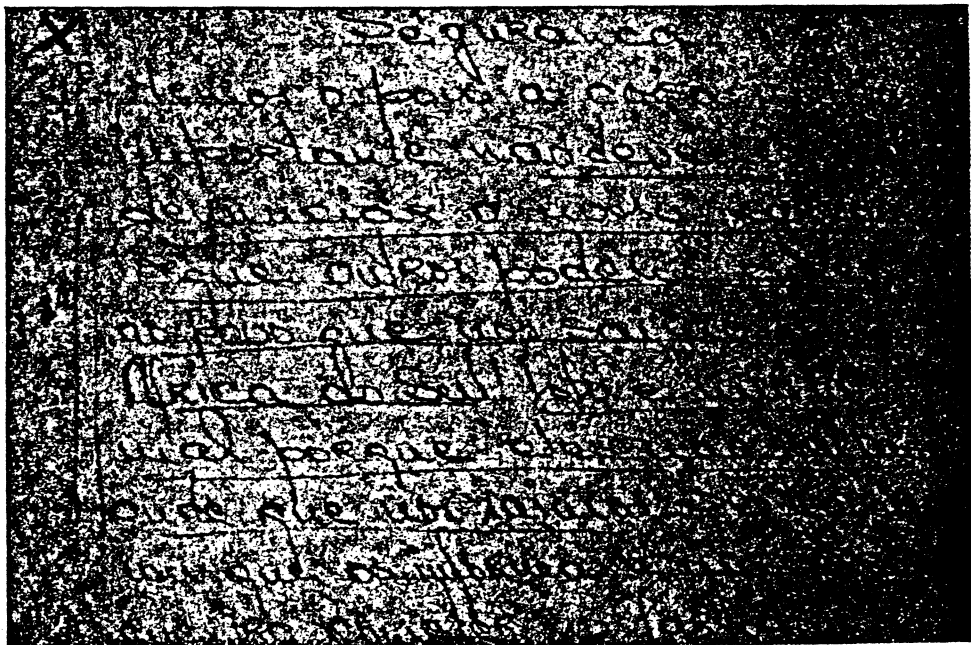
Violando o espírito de boa-vizinhança que deveria marcar o Acordo de Nkomati — nessa altura na sua fase de negociação — a África do Sul infiltrou pela primeira vez directamente nesta província cerca de 2 mil bandidos, alguns viriam das províncias ao norte de Maputo mas a maioria

viria directamente da África do Sul.

A 13/11/83 Paulo Sitole informava que «114 cs/estão em marcha da Província de Gaza para Maputo com o material». Mas

os restantes de onde vinham?

Na documentação deste chefe de bandido há apenas uma referência a isto, e ela aparece na forma de uma admoestação. Diz ele numa mensagem enviada às



9.20 horas de 7/3/84: «Não devemos denunciar o nosso segredo. Porque os outros podem dizer ao povo que nós saímos da África do Sul. Isto é muito mal porque eles não sabem onde que nós saímos.» (Ao longo de todo o texto manteremos as citações tal como aparecem nos documentos de Sitole).

Na mesma mensagem Sitole acrescentava: «Quem denunciar o segredo dos oficiais entre nós todos oficiais será chamboquiado e despromovido.»

Há várias referências à quantidade de bandidos equipados nos diversos «sectores» da província nessa altura.

A 17/1/84 Sitole informava que «o efectivo geral é de 390 homens na região Leopardo», e a 2/2/84 comunicava que tinha «425 homens armados» no seu acampamento. A 15/3/84 dizia que num acampamento em Magude havia 224, e acrescentava que no dia 6 desse mês — 10 dias antes da assinatura do Acordo de Nkomati — este acampamento recebera mais «64 especialistas pára-quedistas».

Sobre a composição dos grupos para ataques, Sitole comunicava às 9.19 horas do dia 22/3/84 que «as emboscadas devem partir do mínimo número de 50 a 100 homens». Nesse mesmo dia ele informava que «o grupo de reconhecimento deve variar de 10 homens».

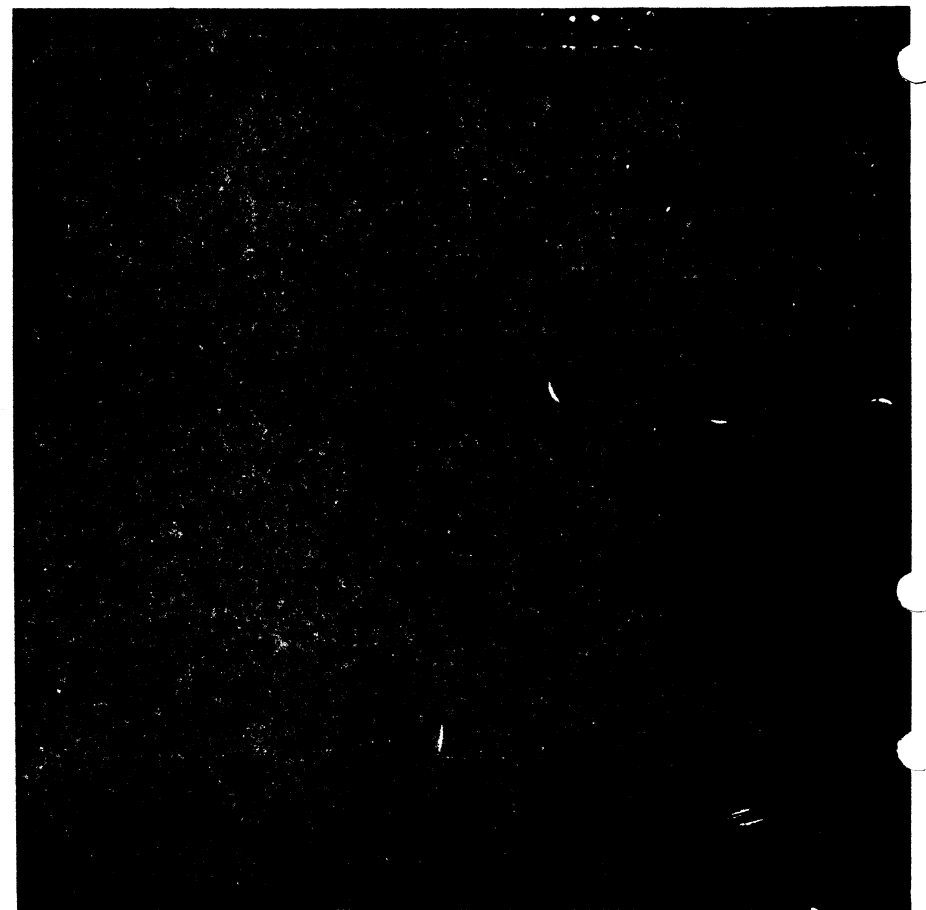
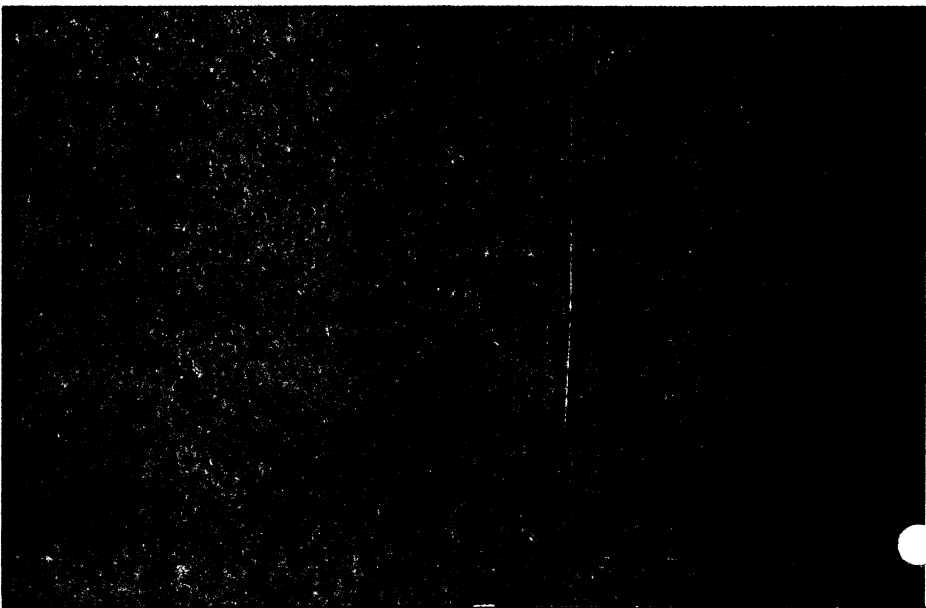
As «missões» a serem levadas a cabo pelos bandidos aparecem copiosamente referidas nestes documentos.

EMBOSCADAS, ROUBOS ASSASSINATOS

Dia 17/4/84 dizia Sitole: «No dia 17/4/84 saíu um grupo de 30cs/chefiado pelo c/do grupo Samuel Mutunza afim de embuscar a estrada de Chokwe — Massingire e queimar aldeias ao sul do rio dos Elefantes».

Uma outra «missão» é o roubo de dinheiro e mercadorias, quer das populações, quer de comerciantes e de viaturas assaltadas e queimadas. Há dezenas de mensagens sobre isto.

Dia 13/4/84, na sua mensagem n.º 21, ele informava: «No dia 12/



/4/84 regressou o grupo Piossone Tanzene que fora procurar alimentação. O mesmo andou normal durante a sua marcha troxe uma boa quantidade de alimentação que assaltara nas aldeias do 3.º bairro de Chokwe, mas não queimaram as e assaltaram uma quantia de 700,00 meticais na Loja de Mbenzane.»

Dia 21 desse mês ele comunicava que «recebi quantia de 50 127,00 meticais vindo do 2.º sector da R/L que eles assaltara nas aldeias de Xinhanguanine no dia 28/2/84».

Outro exemplo: «Comunico que recebemos quantia de 7500,00 MT que fora saltada pelos grupos durante as operações que fizeram

entre os dias 12 e 17/5/84. 40 rands. Eles trouxeram também 8 relógios.» Esta mensagem foi enviada a 20/5/84.

Alguns dos roubos são a viaturas; mensagem de 10/1/84: «Na embusca planeada pelas nossas forças na estrada de Chokwe a Massingire as forças da região obtiveram a quantia de 6250,00 MT do assalto proveniente duma viatura queimada no dia 8/1/84.»

Uma mensagem semelhante, datada de 2/10/83: «Comunico ao d.d. que recebi quantia de 20 150,00 meticais e 65 rands da RSA proveniente duma viatura queimada no dia 29/9/83 na estrada de Mahel-Mapulanguene pelo grupo do c/do grupo Tai Gilberto.»

Oito dias depois ele enviava outra mensagem que dizia: «O grupo do c/da zona pára-queda Zacarias Boane, no dia 20/9/83 assaltou uma quantia de 2134,00 meticais numa viatura que queimara na estrada de Magude a Mahel.»

Dia 27 de Outubro de 83 Sitole dizia que «o grupo da embusca dirigido pelo c/da zona Jeremias Johane, portador da AK 51204 assaltou uma quantia de 3150,00 meticais e 10 rands da RSA numa viatura que queimara na zona de Chibowane no dia 23/10/83.»

Somadas as quantias roubadas pelos bandidos entre Setembro de 1983 e Maio de 1984 dão 311 504 meticais, 126 rands, uma nota de 100 escudos portugueses e 3 dólares. Parte do dinheiro roubado é para pagar aos «mudjibas» (informadores), refere Sitole nas suas mensagens.

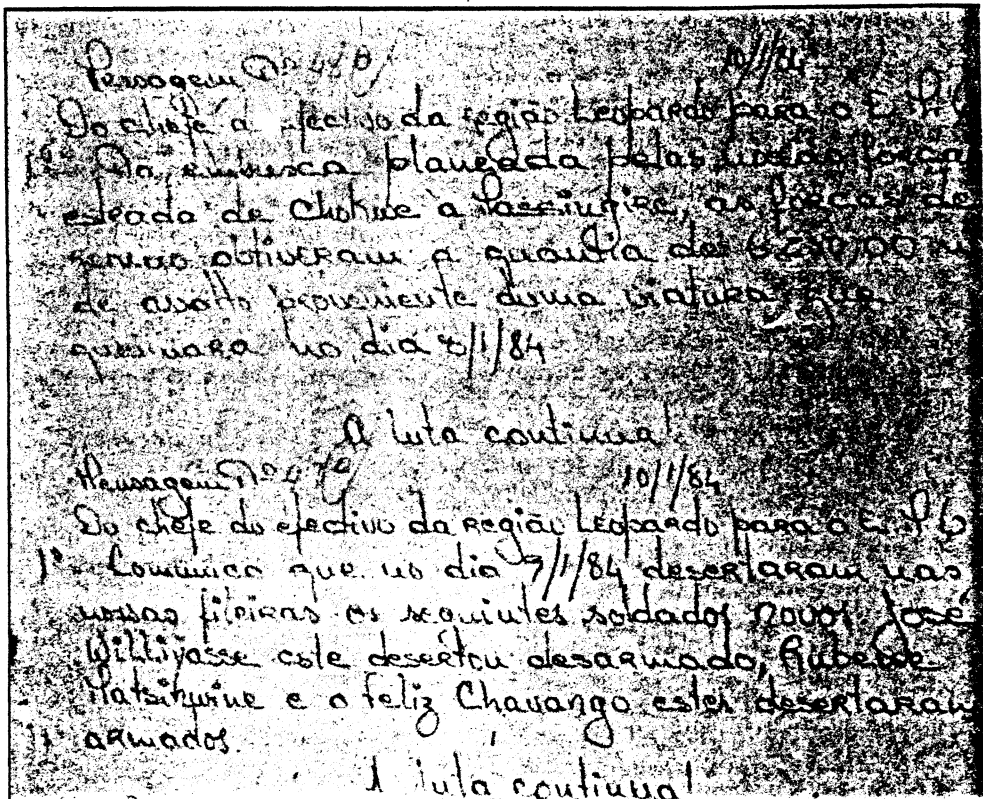
Quanto a roubos de mercadorias Sitole menciona calças, casacos, chapéus, gravatas, camisas, óculos, chaves diversas, talheres e muitos outros artigos.

Alguns dos roubos de dinheiro têm a particularidade de serem seguidos de acontecimentos estranhos.

A 27/12/83 Sitole contava que um bandido ferido havia falecido dia 28/11/83 «devido os espíritos diabólicos que estivera numa nota de 500,00 MT que o mesmo roubara.»

Uma outra «missão» tem sido a minagem de estradas, carreiros e até machambas.

Na sua mensagem de 7/3/84 Si-



tole dizia que «na estrada alcatroada deve-se cavar ao lado até ao fundo e pôr uma mina reforçada pelo explosivo. E este deve ser comandada». Esta mensagem aparece sob o título de «Planos de Sabotagem».

Muitos camponeses têm sido vítimas de minas. Em Outubro do ano passado o Hospital Central do Maputo recebeu muitas camponesas que haviam ficado sem as pernas porque pisaram minas quando iam a caminho das suas machambas. Alguns dos casos tinham sido de minas colocadas nas próprias machambas.

As outras «missões» a serem cumpridas pelos bandidos armados aparecem copiosamente referidas nos documentos de Sitole.

No primeiro dia de Janeiro de 1984 este chefe dos bandidos enviava a sua «mensagem n.º 30 do chefe efectivo da região n.º 1 para E.M.G.». Dizia a mensagem na sua alínea i): «Não temos prisioneiros de guerra estrangeiros.»

Três meses depois aparece uma mensagem mais explícita sobre isto. Dizia ela: «No dia 4/4/84 saiu um grupo de 13 cs/dirigidos pelo c/sectorial Tomás Manguiza com o objectivo de minar estradas em

movimento, bombardear, matar milícias e FPLM, raptar e matar os estrangeiros na área de Chokwe, com o prazo de 15 dias.»

Pelo menos 13 estrangeiros — portugueses, italianos, sul-africanos, britânicos e suecos — foram mortos ou raptados no sul do país. A maior parte destes casos ocorreu após um representante do bandidismo em Lisboa — o português Jorge Correia — ter dito em meados do ano passado que os cidadãos estrangeiros em Moçambique eram considerados «alvos militares».

DESERÇÕES

Dos documentos de Paulo Sitole depreende-se que um dos problemas mais graves que os bandidos atravessam é o das deserções.

Dizia ele a 17/1/84: «Nos 209 novos armados no mês de Janeiro fugiram cinco das nossas fileiras.» Dois dias depois desta mensagem fugiram mais dois. Dia 27 desse mês nova mensagem: «Informo que o comando regional deteu quatro cs/de grupos e um chefe de efectivo da zona que interromperam o assalto que iria se fazer no quartel de Mapulan-

guene no dia 21/1/84». Estes, prossegue, «fugiram com a média de 40 soldados no início do combate». A 13/5/84 mais uma mensagem: «Na noite do dia 12/5/84 fugiu um chefe de zona de saúde João Filipe Arone junto a um recruta de nome Valente Francisco Sitole».

A 10/1/84 uma mensagem dizia que no dia anterior «desertaram nas nossas fileiras os seguintes soldados novos: José Willitasse este desertou desarmado, Rubene Matsinwine e o Feliz Chavango estes desertaram armados». Dia 14 desse mês havia três mensagens sobre desertores.

Ao todo, nos documentos, são referidas 69 deserções.

As deserções aparecem ligadas a dificuldades de recrutamento na Província do Maputo. Já em Janeiro de 1984 Sitole fazia uma generalização, denotando uma interpretação tribalista dos acontecimentos. Dizia ele numa mensagem datada de 21 desse mês: «Em resposta da mensagem n.º 59/1/84 as fugas dos novos soldados verificam-se porque o pessoal de Maputo não tem o espírito combativa nem o sacrifício; porque quando foge não vão as suas casas, foge para a África do Sul visto que não querem combater e tem medo da guerra».

Quanto à dificuldade de recrutamento, ela explicava do seguinte modo a 17/11/83: «O recrutamento cá na Região n.º 1 custa-nos muito porque nas zonas onde operamos não há jovens, todos fugiram para a RSA. O outro caso é de que, mal quando tiverem informações de que as forças da RNM estão na zona fogem para o mato, nas casas não se apanha ninguém, porque têm o mau costume de baterem batuque quando tiverem informações nossas. Mais iremos tentar recrutar».

Agumas das deserções — e diferente, formas de desentendimento interno — levaram a castigos corporais ou fuzilamento.

Armando Missone Ubisse, «recruta», foi liquidado quando tentava fugir no dia 6/5/84, diz uma mensagem emitida a 21 desse mês. A mesma mensagem comunicava que «um homem que era o nosso mudjiba que nos fugiu da base no dia 6/5/84 tornou regressar à

nossa base. N. B. divido dos seus problemas vários, executamos este rapaz».

Meses antes, a 17/11/83, uma mensagem dava conhecimento de outro caso. «Comunico ao d. d. que no primeiro sector no dia 16/11/83 executaram um recruta que tentou uma fuga e foi apanhado fora das posições pelo centinela. O mesmo foi executado a vista dos outros recrutas para terem lição».

Dia 10/1/84, possivelmente também devido a tentativa de fuga, «o Francisco Alfredo fuzilou um chefe de secção. O Francisco Manuel fuzilou um c/do grupo».

Há várias referências a detenções, à mistura com os casos de deserção.

Afirma Sitole numa mensagem datada de 2/9/83: «Comunico ao d. d. que o chefe de secção de nome Diquissone Arone portador da arma N.º 041477 AK rejeitou a operação mandado pelo c/sectorial da base c/s 5E. Este disse-lhe que não queria operar na linha férrea de Moamba a Magude porque naquelas zonas existe muito inimigo, se quiser vais lá tu, na mesma altura entregou arma ao c/sectorial. Este encontra-se preso de momento porque não sabemos o quê ele pensou na sua maneira de agir ao c/sectorial».

Dia 19/5/84 ele dizia que tinha 4 detidos. Tratava-se de «Francisco Joaquim, Augusto Julião, Armando Viola e Armando Guran-cama».

Ainda outro caso, relatado a 5/5/84: «Informo que pelas 0.00 horas do dia 4/4/84 desertou um soldado de nome Chimoio Jassimã. Este era chefe de secção devido a falta de corragem deixou o seu sagudu no combate que travara no dia 2/4/84 na zona de Messa. Quando chegou na base foi chamboquiado e despromovido. Talvez o mesmo desertou devido a raiva da despromoção e chamboque que ele teve no dia 4/4/84».

Uma das primeiras referências a fuzilamentos data de 6/9/83. Dizia uma mensagem desse dia: «Saliento ao d. d. que cumprimos as decisões do Comando Militar nos problemas dos dois prisioneiros que são: Wilson Mangoyana e o Samuel Tequeza. Esta foi

cumprida no dia 30/4/83 pelas 11.30 horas com as armas do fogo».

Uma outra «missão» é o ataque a linhas férreas.

Afirma Sitole numa mensagem enviada no dia 5/4/84: «No dia 28/3/84 embuscaram a linha férrea com uma mina comandada junto a explosiva na qual destruíram duas máquinas locomotivas na zona de Magudzulane. A mesma locomotiva trazia 58 carroagens nas quais 19 e uma máquina caíram no rio (Nistasi). Esta transportava fardos de polpa, adubo e contetores para Zimbabwe».

ABATIDOS PELAS FPLM

Em toda a documentação aparecem muitas referências a mortos e feridos pelo exército moçambicano. Ao todo são referidos 22 mortos e 103 feridos, três dos quais viriam a morrer.

A 17/5/84 Sitole informava: «estamos em movimento devido a perseguição do inimigo com carro de combate». Quatro dias antes ele informava ao «comando do 2.º sector» que «mando aí um grupo de 10cs/ com 5 feridos».

A 18 de Setembro de 1983 ele dizia: «Informo ao d. d. que nos combates travados pelo c/provincial Magaia na zona de Mazimuchope feriram-se oito cs/».

Dia 20 desse mês mais quatro bandidos foram feridos, desta vez em Mangonzo. Cinco dias depois, informava Sitole, «no combate travado na zona de Mahel pelo grupo de embuscada do c/da zona Zaccarias Marceta faleceram três ca/ e feriu-se um».

Estes documentos de Paulo Sitole constituem uma autêntica fonte de informação sobre a actuação dos bandidos, de como o terror não é apenas característica deste ou daquele bandido, mas também elemento definicional da estratégia de desestabilização e destruição de um país.

Para além disso, constitui igualmente uma enorme fonte de informação quanto aos que estão envolvidos no banditismo, pois são dezenas e dezenas os nomes de bandidos que Sitole fornece nestes documentos. □

NOTA: Entretítulos da responsabilidade da redacção.